



DESAFIOS PARA UMA IGREJA COM ROSTO FEMININO

Apesar dos avanços que as mulheres têm alcançado nos diversos segmentos da sociedade, continua em aberto a tarefa de conquistar, na Igreja, o reconhecimento, o respeito e o espaço que lhes cabem como criaturas de Deus. Documentos oficiais enaltecem a importância do ministério feminino e o papel destinado a elas como sementes e construtoras de uma nova Igreja. Na prática, porém, nem sempre isso é verdade. CONTEXTO PASTORAL analisa o tema, com reflexões e depoimentos de homens e mulheres. Páginas 5 a 8



CMI Peter Williams

CMI realiza conferência sobre missão e evangelização
Página 11

Mensagem de fim de ano de KOINONIA
Página 12

Caminhos por trilhar

CONTEXTO PASTORAL possui uma prática/carisma que é trazer para a reflexão dos leitores(as), a cada dois meses, temas "quentes" que estão sendo vivenciados ou que estão emergindo na vida das igrejas e da sociedade. Ao levar adiante este objetivo, CONTEXTO PASTORAL não poderia deixar de trazer à tona as questões relacionadas à prática pastoral feminina. Há algum tempo, uma edição especial foi dedicada à reflexão teológica na perspectiva da mulher, mas agora, uma pergunta é levantada: a quantas anda a participação feminina no cotidiano das igrejas e das comunidades? Há avanços ou retrocessos? Há um discurso oficial que apóia e prevê espaços para uma ampla atuação das mulheres leigas e clérigas nos diversos níveis da estrutura das igrejas católica, protestantes históricas e pentecostais. Mas, o discurso tem reflexos na prática?

Uma primeira suspeita parece indicar que ainda há muitos caminhos a serem trilhados, preconceitos e barreiras a serem demolidos e espaços a serem ocupados, num processo que vem sendo percorrido muitas vezes a duras penas, como poderá ser constatado nas reflexões das mulheres convidadas por CONTEXTO PASTORAL a darem seus depoimentos.

Com esta contribuição, CONTEXTO PASTORAL tenciona estimular que esta discussão alcance as comunidades e grupos ligados à prática pastoral a fim de que o ideal ecumênico seja realizado numa perspectiva completa. Isto significa que levantar a bandeira do ecumenismo implica buscar romper todas as barreiras que dividem a oikoumene, e o sexismo é uma das grandes.

• • •

O suplemento DEBATE deste número traz de volta a reflexão sobre a (re)leitura bíblica latino-americana. Os anos de 1980 ficaram conhecidos como o período da primavera bíblica, quando floresceram aqui e ali novos jeitos de ler a Bíblia a partir do cotidiano das comunidades cristãs. E hoje? Nos meados dos anos de 1990, estamos no verão ou experimentamos um inverno? DEBATE brinda os leitores(as) com análises sobre essa conjuntura.

• • •

Chegamos ao final de mais um ano. A mensagem a quem lê e, acima de tudo, apóia o trabalho desenvolvido por CONTEXTO PASTORAL encontra-se na última página desta edição. Fica renovado o compromisso de, no próximo ano, aprofundar e aprimorar ainda mais o projeto de CONTEXTO PASTORAL e a expectativa de que os laços estabelecidos com leitores e leitoras sejam ainda mais estreitados.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL
Rua Santo Amaro, 129, Glória
22211-230, Rio de Janeiro, RJ

Senhores editores de CONTEXTO PASTORAL,

Li com interesse o suplemento "Debate" de CONTEXTO PASTORAL nº 26 (maio/junho-95) fornecido por um amigo assinante. O tema da unidade tem cativado minha alma. Nasci em uma família judaica em Porto Alegre e desde pequeno convivi com pessoas de todas as religiões e classes sociais. Aos doze anos saí da Escola Israelita e continuei meus estudos em uma escola metodista. Essa experiência alimentou meu contato com os ensinamentos de Cristo e com os cristãos. Aos 18 anos, já no 2º grau da mesma escola, conheci através de um colega de aula a Fé Bahá'í. Esse jovem de família iraniana me falou da unidade de todas as religiões. Algo cultivado por mim há longa data devido ao constante enfrentamento do meu judaísmo familiar. Judaísmo muito aberto, mais histórico e ético que litúrgico ou eclesiástico. A questão das guerras entre Israel e os países árabes, a Inquisição, as brigas futebolísticas, os preconceitos e provocações de toda ordem marcaram a minha infância e juventude de maneira até traumática.

Fiquei interessado pelo suplemento "Debate" pois aborda de maneira madura e imparcial este difícil espinhal que é a unidade cristã. Gostaria de parabenizar a todos que escreveram os artigos. A parte que fala dos obstáculos na construção da unidade cristã está muito boa e serve para qualquer grupo que pretende a unidade. (...)

Jairo Bensussan Dechtar
Porto Velho/RO

Caros amigos do Jornal CONTEXTO PASTORAL,

Quero, através desta parabenizá-los pelas substanciais reflexões editadas neste jornal. Gostaria também, se fosse possível, que vocês enviassem alguns exemplares do jornal. Não sou assinante, ganhei um exemplar de um amigo e gostei muito das matérias. Se puder me enviar alguns exemplares ou alguma outra publicação, ficarei muito agradecido. Sou seminarista e acredito que o jornal me será de grande utilidade na minha formação pastoral.

Tadeu dos Reis Ávila
São Paulo/SP

CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral de
KOINONIA Presença
Ecumênica e Serviço
(Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro/RJ
Tel. 021-224-6713 e f
ax 021-221-3016)

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Tânia Mara Sampaio
Rafael Soares de Oliveira
Emil Schubert

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Jether Pereira Ramalho
Magali do Nascimento Cunha

Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Digitadora
Mara Lúcia Martins

Fotolito e impressão
Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 12,00

Assinatura de apoio
R\$ 18,00

Exterior
US\$ 18,00

Os artigos assinados não
refletem necessariamente
a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Assinatura anual: R\$ 12,00
Assinatura de apoio: R\$ 18,00
Exterior: US\$ 18,00
Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

ERRAMOS

Na edição nº 34 (setembro-outubro/96) de CONTEXTO PASTORAL, foi publicado erradamente o crédito de Sebastião Gameleira Soares, autor do artigo "Ecumenismo é conversão". Ele é teólogo anglicano e atual presidente do CEBI (Centro Bíblico de Estudos Bíblicos).

EM DEBATE, O FUTURO DA MISSÃO CRISTÃ

Paulo Roberto Salles Garcia

A cidade de Salvador (BA) tornou-se durante dez dias a capital do movimento ecumênico internacional. Sob o tema "Chamados a uma mesma esperança — o Evangelho em distintas culturas", o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) realizou de 24 de novembro a 3 de dezembro a Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização, com a presença de 600 delegados de 90 países. Na pauta, o futuro da missão cristã em um mundo globalizado e pluralista, as vésperas do século XXI. Representantes de terreiros de candomblé baianos participaram como observadores, fato inédito em conferências cristãs, tanto católicas quanto evangélicas.

Proselitismo

Uma das palestras mais importantes da Conferência foi proferida pelo dirigente ortodoxo russo, metropolita Kirill, de Smolensk e Kaliningrad. Antes de refletir sobre a missão da igreja no mundo de hoje, ele fez uma análise de conjuntura internacional. Para ele, o mundo pacificado do pós-guerra fria não passou de uma ilusão. "Muitos, no Ocidente, acreditavam que, desaparecida a ameaça soviética, o próprio mal desapareceria da face da terra e começaria uma era de prosperidade, paz e harmonia universais". No entanto, a Europa "mergulhou no caos" e guerras "fratricidas" destruíram a ex-Iugoslávia, a Chechênia e outras repúblicas da antiga URSS. Observou que a crise militar e política foi seguida pela recessão econômica, com populações inteiras situadas abaixo do limiar de pobreza.

O metropolita mostrou-se preocupado também com o proselitismo, exercido na ex-URSS por grupos religiosos de origem ocidental, cristãos e não-cristãos. "Assim que foi permitido o trabalho missionário, hordas de missionários irrom-

peram, crendo que a extinta URSS era um vasto território de missão. Comportaram-se como se não tivesse sido proclamado nenhum Evangelho. Começaram a pregar sem fazer sequer um esforço para familiarizar-se com a herança cultural russa ou aprender a língua". Ao condenar o que chamou de "colonizadores espirituais", o metropolita disse que ecumenismo e proselitismo "são incompatíveis".

Outra intervenção importante foi feita pela teóloga alemã Cornelia Weitzel ao falar sobre cultura e evangelização. Na sua opinião, as igrejas cristãs devem opor-se, em todas as culturas, "às pretensões totalitárias da lógica do mercado". "Toda aliança com os interesses do capital, com a lógica e a cultura do mercado, é totalmente inconciliável com o Evangelho, seja quando esses interesses manifestam-se em sua forma extrema, no chamado evangelho da prosperidade, seja quando se dissimulam sob uma fachada cristã", lembrou. A missão da Igreja, segundo Weitzel, é "libertar os seres humanos da escravidão imposta pela sociedade de consumo e da mentira que pretende transformar o consumo em felicidade".

Ela analisou também a história das relações entre o Evangelho e a cultura na Alemanha: "Toda expressão cultural é submetida, de modo cada vez mais claro e brutal, à dominação da economia". Isto se caracteriza pelo ideal de uma "boa vida", marcada pela ideologia do consumo, por um materialismo desenfreado, pelo desaparecimento da solidariedade e por uma cultura narcisista.

Apesar de tudo, destacou, observa-se naquele país um renascimento do interesse pela religião, o qual não passa, porém, pelas instituições eclesiais tradicionais e se traduzem, agora, na formação de comunidades integradas por minorias. Em todo esse contexto, a atitude mais importante das igrejas e dos cristãos, segun-

versalização do seu ponto de vista e da sua experiência".

No mesmo contexto, levantou a hipótese de que, a partir dessa matriz cultural, sejam admitidos, pelo movimento feminista, outros caminhos para relacionamento entre os gêneros, inclusive a "reciprocidade do assédio sexual consentido, como arte e jogo e não como violência". Cavalcanti já havia criticado um folheto pastoral e educativo sobre o assédio sexual, publicado recentemente pelo CMI, por considerá-lo "muito normativo".

A reação das mulheres veio em seguida. Elas destacaram que o relacionamento afetivo não pode ser resumido a uma mera resposta às questões "sim" ou "não", acrescentando que, historicamente, as mulheres negras e indíge-

DOCUMENTO FINAL

'Igrejas devem comprometer-se com cultura local'

A preocupação das igrejas cristãs de todo o mundo com as luzes e sombras deste final de século é a tônica básica da mensagem final da Conferência de Salvador. Com base na afirmação de que "a principal vocação da Igreja é a de dar continuidade à missão de Deus no seu mundo, pela graça e bondade de Jesus Cristo", a mensagem diz que a missão eclesial "não conhece fronteiras, pois inclui todos os aspectos da vida em um mundo em rápida transformação, com múltiplas culturas, cuja interação e superposição são, agora, maiores que nunca".

Em Salvador, mostra a mensagem, a Conferência procurou compreender melhor "a forma em que o Evangelho questiona as culturas humanas e como a cultura pode ajudar-nos a entender o Evangelho". Destaca ser difícil "pensar em um lugar mais adequado" para a Conferência por ser Salvador "um microcosmo da diversidade mundial de culturas e espiritualidades". Contudo, na capital baiana, o CMI e a Conferência afirmam terem tomado "consciência da dor e da fragmentação que resultam do racismo e da falta de respeito por outras religiões e que ainda persistem em certos setores das igrejas cristãs".

Entre as experiências da Conferência consideradas como "alimento" da esperança das igrejas, a mensagem destaca a grande diversidade de povos e igrejas representados; o "autêntico empenho" no conhecimento e na partilha da vida e do saber de outras culturas; o entusiasmo de uma vivência comunitária participativa; a vontade das igrejas e das organizações missionárias de reconhecerem "os fracassos do passado" e de rejeitarem os estereótipos, ao lado da vontade de realizarem um trabalho em conjunto. A mensagem destaca ainda que "o Evangelho, para dar frutos em abundância, deve ser fiel a si mesmo e estar encarnado ou enraizado na cultura de um povo".

Os participantes mostram preocupação diante da "maneira como o mundo enfrenta uma economia de livre mercado que parece exercer um poder soberano, inclusive sobre governos fortes".

do a teóloga, é a denúncia profética diante da "lógica totalitária do mercado" que assume hoje um papel ideológico hegemônico, no mundo cada vez mais globalizado.

Contato com a realidade

Apesar de poucos, os contatos dos participantes com a realidade sociocultural e religiosa do Brasil — e especialmente da Bahia — foram importantes para entender a especificidade do país e o desafio

das igrejas nesse contexto. O culto realizado no Solar do Unhão, no mesmo espaço em que, no século passado, milhares de negros e negras chegaram como escravos — mobilizou e emocionou os delegados. Um dos momentos mais simbólicos foi vivido quando mulheres e homens das igrejas cristãs de Gana entregaram a representantes das igrejas e da comunidade afro-brasileira uma pedra trazida do muro externo do Castelo da Costa do Cabo, nesse país africano. O Castelo era um forte onde depositavam-se os negros e negras, capturados e comprados pelos traficantes, até serem trazidos para o Brasil nos navios negreiros. "Esta pedra representa 358 anos de degradação. Que possa nos ajudar a não esquecermos de que nunca mais poderemos voltar a fazer isto com o nosso próprio povo".

Visitas a diversas igrejas de Salvador e a alguns terreiros de candomblé — entre outros, os de Mãe Menininha de Gantois e Casa Branca, também fizeram parte da programação da Conferência.

Paulo Roberto Salles Garcia, jornalista metodista e editor de CONTEXTO PASTORAL. Integra a equipe de KOINONIA.

Questão de gênero provoca polêmica

O pastor da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Robinson Cavalcanti, foi o pivô de uma discussão sobre a questão de gênero que deu um tempero especial à Conferência de Salvador. Ao chamar a atenção das igrejas cristãs para as dimensões mística, lúdica e erótica presentes na cultura popular, ele criticou os "segmentos cristãos do movimento feminista, em razão também do etnocentrismo anglo-saxão de suas origens, muitas vezes não sensível às peculiaridades das culturas periféricas, com a tentativa de impor a uni-

nas, na América Latina e no Caribe, sofreram muita violência e tiveram seus corpos tratados como objeto. Uma mulher da Libéria lembrou um aspecto que considerou "esquecido" na abordagem de Cavalcanti: a responsabilidade que deve estar presente em qualquer relacionamento interpessoal.

O teólogo suíço Theo Buss, que trabalha na Bolívia, interveio, depois para perguntar se os europeus "estão preparados" para considerar a experiência de outras culturas nesse assunto. Para concluir, Cavalcanti observou que o tema do assédio sexual era um dos aspectos de sua reflexão e que não esperava que fosse provocar tanta polêmica. "A questão da sexualidade explodiu como uma agenda não prevista", comentou a CONTEXTO PASTORAL.

Mensagem de Natal da CNBB pede reforma agrária

Os bispos do Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgaram a mensagem de Natal da entidade intitulada "Justiça e paz na Terra". A ênfase, dessa vez, é em torno da necessidade da reforma agrária. "Um passo importante para a paz na terra será dado em nosso país se for implantada, sem demora, a verdadeira e justa reforma agrária, junto com adequada política agrícola que a sociedade espera", destaca o documento.

Os bispos da CNBB consideram que a reforma agrária é "um sonho antigo, cuja realização se tornou agora indispensável": "Vivemos um momento propício para que finalmente se efetivem medidas concretas de reforma agrária. A sociedade percebe, como nunca, sua necessidade, reconhece a legitimidade de movimentos populares que lutam pela terra e condena a intransigência dos setores que querem, a qualquer custo, manter seus injustos privilégios".

Apesar de distribuída para as paróquias, comunidades, instâncias, imprensa e entidades diversas, a mensagem tem um destinatário claro: o Poder Público. Ela apela ao Congresso Nacional "para que aprove, sem protelações, os projetos de lei que se destinam a agilizar o processo que se encontram paralisados no Senado Federal, como é o caso do rito sumário para as desapropriações", e ao Poder Judiciário para que reconheça "o direito à vida e à integridade das pessoas pobres e desvalidas". Ao governo federal, um recado: "Esperamos que o governo todo assuma com convicção a causa da reforma agrária, na amplitude que ela possui, para enfrentar o problema do êxodo rural, do desemprego, da fome e da exclusão social".

Encontro reúne pessoas enfermas e deficientes

"Recomendamos às igrejas que acolham de maneira efetiva as pessoas enfermas (PEs) e portadoras de deficiências (PDs),

pois o corpo de Cristo não está completo sem essas pessoas, e que possibilitem a elas serem agentes de evangelização". A afirmação faz parte do documento final da V Assembléia Latino-Americana da Fraternidade Cristã de Pessoas Enfermas e Portadoras de Deficiência, realizada em Cochabamba (Bolívia), de 14 a 20 de outubro. Participaram do encontro delegações da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México, Peru, Porto Rico e Uruguai.

A assembléia avaliou a trajetória do movimento e traçou caminhos e ações para os próximos anos. Uma análise da conjuntura não foi deixada de lado. "A América Latina se encontra hoje sob uma política neoliberal, em que há inegavelmente uma democracia política estabelecida. Por outro lado, as consequências sociais têm levado a um empobrecimento constante da população de nossos países, com a redução acentuada de fontes de trabalho, degradação do meio ambiente, diminuição da qualidade de vida, recesso e fome. Essas políticas são selvas

EVANGÉLICOS E O ENCONTRO DAS CEBs: UMA CONTRIBUIÇÃO ESPECIAL!

Adquira para você e para a sua comunidade o suplemento de Tempo e Presença *CEBs: vida e esperança nas massas — uma contribuição dos evangélicos*. Trata-se de material produzido em linguagem agradável e didática, que visa cooperar na preparação de católicos e evangélicos para o Nono Encontro Intereclesial de CEBs, que será realizado em julho de 1997, em São Luís do Maranhão. A revista apresenta o mundo evangélico para as comunidades católicas, a realidade das CEBs para os grupos protestantes e reflexões sobre o tema do encontro.

Os pedidos podem ser feitos à KOINONIA Presença Eclesial e Serviço (Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro-RJ, tel. (021) 224-6713 e fax (021) 221-3016. Estão sendo oferecidos pacotes para as comunidades com dez exemplares pelo preço total de R\$ 20,00 (vinte reais).



gens e antievangélicas", destacou o documento.

Segundo os participantes, as pessoas enfermas e portadoras de deficiências são as que mais sofrem, "devido às barreiras impostas pela sociedade, como as arquitetônicas, legais, sociais e aquelas originadas de preconceitos; são discriminadas em suas necessidades básicas de saúde, educação, moradia, emprego, alimentação e acesso à participação".

O grupo reivindica que instituições e igrejas, em diálogo com as PEs e PDs, promovam modificações e adaptações necessárias a essas pessoas para que possam participar "com plenitude e igualdade nas lutas e conquistas da nossa sociedade". Quanto ao governo, recomenda que "promovam políticas públicas que permitam garantias legais e efetivas em diversas áreas, como segurança social, adaptação ambiental, integração em programas de saúde, educação, moradia e emprego".

CMI destaca migrantes forçados em sua mensagem de Natal

O Natal deste ano deve chamar a atenção dos homens e mulheres de boa vontade para a trágica situação de milhões de pessoas,

em todo o mundo, obrigadas a migração ou ao exílio por causa da guerra, da recessão econômica e de outras situações injustas. É o que lembra o secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), o pastor luterano Konrad Raiser, em sua mensagem natalina deste ano.

"Ao lembrar e celebrar hoje o nascimento de Jesus Cristo, nós o fazemos em um mundo em que milhões de pessoas vêem-se forçadas a migrarem: refugiados obrigados, pela guerra, a abandonar suas cidades e aldeias; meninos e meninas de rua que não têm lar; pessoas que pedem asilo e o têm rejeitado e são deportadas dos países onde haviam encontrado refúgio; migrantes separados de suas famílias. Todos eles batem na nossa porta. Estamos dispostos a abri-la?", indaga o documento.

Para o secretário-geral do CMI, nesse encontro com o forasteiro, "encontramos também Deus". Em Jesus Cristo, Deus veio para estar entre nós. (...) Deus continua vindo até nós. Podemos fechar-lhe a nossa porta. Isto é o que fazemos cada vez que negamos segurança e asilo a uma pessoa deslocada. Mas também podemos abrir-lhe a porta. Na pessoa do refugiado, do migrante, da pessoa deslocada, Jesus aproxima-se novamente de nós nesse Natal. Deixá-lo entrar é acolher Deus".

DENTRO DO CONTEXTO

"DEUS É DE DIREITA" – I

"Deus é de direita porque a esquerda é uma ideologia que não bate com a Bíblia". A afirmação foi feita por Orlando Leutério Torres, evangelista da Assembléia de Deus, durante ato de apoio à candidatura de Celso Pitta para prefeito de São Paulo.

"Ele (Deus) não quer que você invada terra de ninguém nem que pratique violência nenhuma. Nosso princípio é bíblico. Deus é que dá as coisas. Nós não podemos forçar", disse.

"DEUS É DE DIREITA" – II

Segundo o evangelista, greve é outra coisa que a esquerda faz e a Bíblia desaconselha. "Jesus falou: 'Meu pai trabalha, e eu também trabalho'. Se você é discípulo de Jesus tem que seguir o exemplo dele. Greve é pecado contra Deus, não bate com a Bíblia".

E concluiu: "Nenhum crente evangélico é ensinado a fazer greve".

VALE-TUDO – I

No município do Cabo de Santo Agostinho, na Grande Recife (Pernambuco), a busca do voto evangélico durante as eleições municipais ocorreu de forma "esdrúxula, sem ética alguma, através de toda forma de aliciação para ganhar os votos e ludibriar os evangélicos cabenses" pelo simples fato de haver numa das chapas concorrentes candidato a vice-prefeito evangélico, o pastor e cantor Armando Filho.

A denúncia foi feita por um dos coordenadores do Movimento Evangélico Progressista (MEP) do Cabo/PE, o anglicano Cleonildo Cruz Júnior.

VALE TUDO – II

Segundo seu relato, no domingo que antecedeu a eleição, foi lançado um panfleto criminoso e apócrifo que tentava impedir que evangélicos votassem em Elias Gomes (PSB) para prefeito e Antônio Medeiros (PT) para vice.

"Tais práticas são muito comuns do partido do PPB", acu-

sou, acrescentando que "deixou-nos decepcionados a forma como o vice da chapa, o evangélico Armando Filho, se portou de forma omissa, consentindo com esta falta de respeito à comunidade evangélica".

"Nós, que fazemos parte do MEP do Cabo, articulamos o 'Movimento Evangélico Pró-Elias' por entendermos que a comunidade evangélica deve ser respeitada no seu espaço sagrado e de termos compreendido que o plano do governo do candidato era o mais sensível às necessidades do povo e mais justo para a nossa comunidade".

ECUMENISMO

Em Bom Jesus das Selvas, interior do Maranhão, José de Ribamar Costa e Pedro Fernandes se elegeram prefeito e vice-prefeito, respectivamente. O primeiro é padre católico, e o segundo, pastor da Assembléia de Deus.

Uma leitura protestante sobre a atuação pastoral da mulher

Vânia Moreira Klen

Certamente nas últimas três décadas o mundo tem-se modificado em suas relações de poder, especialmente naquela mais velada que determina todos os nossos comportamentos sociais e institucionais: as relações de gênero. Estamos, como mulheres teólogas feministas, descortinando um passado fortemente sedimentado nas relações patriarcais e androcêntricas de poder que se refletiram tanto nos escritos bíblicos e na linguagem religiosa, como na formação da Igreja e na manutenção mais tardia das doutrinas que alimentaram séculos e séculos do poder masculino e senhorial nas diversas igrejas protestantes. É lógico que com a presença de mulheres na prática pastoral considerada "informal" e na pesquisa teológica, as próprias estruturas eclesiais foram questionadas a respeito de mulheres dentro do círculo de decisões institucionais. As mulheres deixaram de ser o "enfeite" das reuniões, cansaram da teologia que "por amor" levam-nas a serem colocadas sempre no lugar de complementaridade do pensamento masculino.

Mas... como será que esta reviravolta está sendo encarada na prática de mulheres no pastorado feminino reconhecido em algumas igrejas protestantes?

A experiência oficial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) iniciou-se em 1966, quando a primeira mulher foi aceita para o estudo da teologia. Porém a igreja nessa época não tinha "planos" para absorção dessa mulher no ministério pastoral. O "problema" só foi levantado quando ela veio a se formar em 1970. A exegese histórico-crítica de linha germânica não possibilitava uma base teológica que não aceitasse mulheres no ministério pastoral, na Alemanha já se tinham algumas experiências e cada vez mais a necessidade de *pastores* se fazia premente nas comunidades.

Porém, o horizonte traçado pela igreja ainda limitava à mulher ao trabalho de "mulher": crianças, senhoras, idosos... Mesmo assim outras mulheres se arriscaram ao estudo da teologia e somente em 1978 tivemos a primeira pastora ordenada pela IECLB. A presença pioneira dessas mulheres abriu precedentes e questionou a normatividade masculina no trabalho pastoral. Porém, "o acesso de mulheres ao estudo da teologia e, mais tarde, ao ministério pastoral foi muitas vezes interpretado como casualidade, como fato normal dentro de uma sociedade em 'desenvolvimento'. Em decorrência dessa mentalidade, a Igreja se eximiu de fazer um planejamento mais cauteloso em rela-

ção às mulheres no ministério pastoral. Ainda hoje as consequências dessa falta de reflexão e planejamento podem ser observadas nos problemas estruturais relacionados ao Ministério Pastoral Feminino (Ilze Zirbel e Vânia Klen. *As mulheres em direção ao estudo teológico*. Escola Superior de Teologia. 1994. Trabalho não publicado).

Caracterizando a atuação das mulheres

Agora, o que nós mulheres pastoras temos feito com esse lugar de poder que conquistamos? O primeiro esclarecimento que devemos fazer é o equívoco teórico ao se usar o termo "feminista" como um conceito único, abrangente e generalizante. Nós sabemos que o feminismo, como corrente de pensamento, é um leque enorme de conceitos que se baseiam em "estratégias" diferentes no que diz respeito à leitura da posição, da situação e da atuação de mulheres na sociedade. Essas linhas do feminino se fazem presentes na formação teológica das pastoras, o que também nos leva a encarar o ministério pastoral de forma diversa. Além do mais, nem todo o trabalho feito por mulheres na teologia pode ser considerado "trabalho feminista". Porém, podemos traçar algumas características em nossas atuações como mulheres pastoras, conscientes ou não da utilização do feminismo como marco teórico.

Uma dessas características é a forma de encarar o poder. Não devemos nos iludir, usando o discurso da "inocência" ou do "diferente", que evitamos fazer o jogo institucional da disputa de poder. Porém, devido à própria educação descentralizadora que comumente recebemos na educação familiar, o poder se mostra de uma forma mais flexível, menos centralizadora. Na maioria dos pastorados femininos o "centralismo" da autoridade pastoral se dilui na tentativa de "socializar" os centros de decisões. Onde normalmente o poder vem do centro (das diretorias e/ou presbitérios em sua maioria masculinos), passa-se a recorrer a outros grupos como fontes de organização estrutural para a comunidade, havendo assim maior via de informações a respeito da vida comunitária e da macroestrutura da igreja.

A própria presença feminina num cargo de liderança religiosa abala as estruturas formais de pensamento, deslocando o lugar da mulher para outro tradicionalmente ocupado por homens. E esse "lugar" não é apenas preenchido de maneira

formal, mas vem trazendo grande potencial inovador no jeito de encarar as relações humanas, a leitura bíblica, doutrinária e litúrgica, questionando o papel tradicional do pastor e da comunidade.

Outra característica é a utilização da linguagem inclusiva, modificando o próprio linguajar de "subentendimento" do feminino dentro do masculino. Por exemplo, a utilização de termos como irmãos e irmãs, homens e mulheres, não apenas com termos masculinos onde se subentendam os seres humanos (machos e fêmeas), vai confrontando a comunidade para a diferença que socialmente existe entre homens e mulheres. Essa prática, muitas vezes, é questionada como "perda de tempo", cansativa, mas não devemos esquecer que é a linguagem que determina nossas próprias estruturas de comunicação e entendimento do mundo. Ainda nos falta coragem para a "recriação" da linguagem, ou seja, uma gramática que também seja inclusiva no gênero. Afinal de contas, a nossa gramática portuguesa foi formada por quem? A partir da realidade de mundo de que gênero? Será que ela não pode ser reformulada?

Algo de suma importância para o imaginário religioso da comunidade que as pastoras femininas tentam rebuscar é a própria imagem de Deus. Há um esforço de redescobrir outras imagens bíblicas que mostrem Deus com características femininas, contrastando a imagem patriarcal do senhor como única forma possível da relação de Deus com a humanidade. Essa tentativa não apenas tenta resgatar as mulheres na Bíblia, mas torna conhecidas características do feminino que são utilizadas como expressão da imagem de Deus na Bíblia.

Avanço lento, mas contínuo

Agora, não podemos nos iludir que o ministério pastoral feminino seja algo amplamente aceito e discutido pelas comunidades e cúpulas das igrejas e, por incrível que pareça, mesmo pelas mulheres da igreja. A simples presença de uma mulher num espaço outrora ocupado somente por homens questiona o comportamento geral de uma estrutura que por séculos determinou nossos comportamentos éticos e morais. Em muitos lugares a resistência à figura da pastora se faz presente tanto em membros leigos como em colegas de ministério. Para muitas pessoas, ainda somos os "enfeites" ou o jeito "delicado" da estrutura eclesial se modificar, o antigo "toque feminino". Há mui-

to ranço patriarcal e machista nas nossas relações. Para muitos teólogos e teólogas, teologia feminista é coisa de mulher, modismo de nossos tempos.

As modificações são lentas, muitas vezes se recua no próprio discurso feminista a fim de conquistar a credibilidade da comunidade e de conseguir espaço para o trabalho. Além do mais, a ênfase feminista se constrói a partir da prática das mulheres em diversas situações de vida, tentando desenvolver daí uma teoria feminista que nos ajude anunciar uma nova possibilidade de relações humanas, nas quais mulheres e homens possam conviver num clima de respeito e liberdade. Para tal passamos por um período de autocrítica em que, com coragem, começamos a admitir e encarar nossas dificuldades em nos portar nas rodas de poder, em assumir intencionalmente novas formas de leitura bíblica que ajudem mulheres e homens a redescobrirem seu valor como seres humanos, na tentativa de redefinir conceitos do próprio "feminino" e "masculino" que têm separado discriminatoriamente homens e mulheres.

O maior avanço, certamente, ainda está na sistematização do pensamento feminista. Como sempre, a prática tem um caminhar mais lento porque o poder institucional se sedimenta em uma longa história patriarcal de doutrinas e teologias que são aceitas como normas para o trabalho teológico. Porém, a conscientização de que a estrutura patriarcal/senhorial de sociedade martiriza tanto mulheres como homens, nos ajudou a dar um passo à frente de nossa história: não há mais argumentos sustentáveis que possam excluir mulheres do ministério pastoral. Onde isso acontece há uma negação bíblico-teológica da capacidade de entendimento da mulher como alvo do amor e da revelação de Deus. Seria como negar a validade do texto bíblico que coloca as mulheres como portadoras da mensagem da ressurreição. É em mulheres e homens que Deus se revela constantemente e continua a traçar os rumos de nossa história. E esse fato, ainda hoje em algumas de nossas igrejas, instituições de formação e mesmo na cabeça de colegas de ministério, parece ser um mero acaso do "destino". É justamente aí que o trabalho de teólogas e pastoras feministas pode ajudar a traçar novos rumos na história da igreja, de nossa sociedade e da humanidade.

Vânia Moreira Klen é pastora da IECLB em Farroupilha/RS.

Em debate: a atuação pastoral na ótica da mulher

Em depoimentos a CONTEXTO PASTORAL, homem e mulheres opinam sobre como percebem e vivenciam as experiências em busca de um espaço igual de participação nas instâncias eclesiais e na Missão.

POR UMA IGREJA DE IRMÃS E IRMÃOS

Regina Soares Jurkewicz

Trabalhei durante doze anos na organização do Curso Ecumênico Latino-Americano para Agentes de Pastoral promovido pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep). Nesse período tive o privilégio de conviver com mulheres e homens, leigas(os) e religiosas(os) latino-americanos que desejavam reciclar práticas e renovar o ânimo para o trabalho pastoral.

Sempre iniciamos os cursos partindo da prática pastoral e educacional que as(os) participantes traziam. Para elas(es) e para nós da equipe, a grande questão era a busca de um projeto político que nos permitisse dar passos em direção à utopia do Reino de Deus. Para isso era necessário, através de instrumentos elaborados pelas ciências sociais, conhe-

cer, analisar e transformar a realidade. O empobrecimento de nossos povos latinos nos indicava que a grande opressão estava enraizada nas relações econômicas, o que nos fez pensar por muito tempo que as "outras opressões" culturais, de raça e de gênero eram importantes, porém secundárias.

Foi aí, em meio às(aos) companheiras(os) de trabalho, às(aos) cursistas e assessores(as), principalmente Ivone Gebara e Otto Maduro, que pude dar-me conta do momento rico que nos tocou viver. As chamadas "lutas específicas" se multiplicaram e as práticas sociais dos movimentos de mulheres, nações indígenas, movimentos de negritude ocuparam o cenário de nossas atenções. Já não bastava tratar da opressão do capital sobre o trabalho, era preciso com igual importância enten-

der profundamente as discriminações de raça, gênero, idade, preferências sexuais.

As mulheres já não queriam apenas lutar por melhores condições de vida, por creche, saúde e escola; queriam também ser protagonistas de interesses entendidos como "especificamente femininos". Começaram a evocar a sabedoria e ousadia de nossas "bruxas", queimadas na Inquisição. As religiosas sentiam que frequentemente seus companheiros de prática pastoral, os presbíteros, eram (e continuavam sendo) os que tinham a última palavra no rumo e nas diretrizes pastorais. Também os depoimentos de companheiras evangélicas, ainda que inseridas em igrejas de cultura liberal, exemplificavam situações de discriminação de gênero.

Penso que o movimento de mulheres e a cultura feminista que vêm se desenvol-

vendo no seio das igrejas têm contribuído de forma extremamente positiva ao fazer a crítica às estruturas eclesiais, que ainda "engatinham" quando se trata do estabelecimento de um processo democrático, no interior das próprias igrejas.

Hoje, junto às "Católicas pelo Direito de Decidir", também se somam alguns católicos, homens que como nós são amantes do pensamento livre, do respeito às diferenças, da crença comum onde a fé não sirva para a discriminação, mas sim para levar adiante o sonho de viver em uma Igreja onde de fato sejamos irmãs e irmãos.

Regina Soares Jurkewicz integra o grupo "Católicas pelo Direito de Decidir" e é mestrande em Ciências Sociais e Religião (IMS).

FORÇA SIM; SUBORDINAÇÃO NÃO

Siméa de Souza Meldrum

"Ajuda, auxílio". No sentido etimológico da raiz hebraica "ezer", significa usar a força, proteger. Nesse contexto, a palavra auxílio não indica nenhuma subordinação, mas supõe "uma força que os ajuda".

Desde 1978 estou envolvida no ministério de tempo integral na Igreja Episcopal. Até 1990, no ministério leigo, e a partir daí no ministério ordenado. Nessas duas etapas tive o privilégio de descobrir os tesouros que Deus reservou para o ministério feminino, e que a comunidade hebraica e depois a cristã não têm valorizado e nem divulgado.

A vinda do Nosso Senhor trouxe um

novo sentido para todas as relações dos seres humanos, e através dos séculos a Igreja tem sido desafiada a avançar derrubando barreiras, criando espaços, trazendo novos conceitos e introduzindo o mundo neste novo sentido. Os modelos, os papéis e os espaços, até pouco tempo, eram determinados pela sociedade marcada pela preeminência do masculino. Então, Jesus Cristo veio nos colocar numa qualidade de rotação originalmente planejada por Deus.

Bem no início do meu ministério ordenado, estava amamentando o último filho que ainda era um bebezinho. E percebia que as minhas atividades como mulher

pastora eram um modelo que chocava. Até mesmo eu, um dia, me achei desesperada porque não podia coordenar a minha rotina como fazia o meu marido. E daí por diante, eu me entreguei às minhas características e modelos femininos e iniciei uma aventura de descobertas e valorização dos aspectos diferenciados deste ministério.

A linguagem, as estratégias, os modelos de lideranças, tudo é afetado pela ótica feminina. E hoje, como reitora da Pró-Catedral do Bom Samaritano; ministra responsável pelo Ponto Missionário no Lixão de Olinda, também no Ponto Missionário da Liberdade, em Jaboatão; inte-

grante da comissão bilateral entre a Igreja do Brasil e a dos Estados Unidos; presidente da ASAS (organização não-governamental de apoio aos portadores do HIV/Aids); integrante da Comissão Nacional da Conferência Mundial de Missão e Evangelização; e também rotariana; encontro forças, incentivo, motivação e idéias na minha experiência pessoal, nas minhas relações como mulher, filha, esposa e mãe. Tudo dentro de uma dimensão de cidadã do Reino de Deus.

Siméa de Souza Meldrum, reverenda da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e reitora da Pró-Catedral do Bom Samaritano (Recife/PE).

UM TRAÇO NOVO NO ROSTO DA MISSÃO

Adriel de Souza Maia

A Igreja atravessa um momento de transição. Existe hoje um entrelaçamento de idéias e tendências em nome da mesma fé. Nesse contexto, surge a presença da mulher como sujeito eclesial, trazendo a esperança de uma inserção positiva. A presença criativa dela poderá significar um traço novo no conjunto do rosto da Missão e uma nova forma de viver a espiritualidade, de seguir o verdadeiro chamado de Jesus Cristo.

A mulher tem procurado trilhar o ca-

minho do conhecimento de si mesma e de sua missão cristã no meio em que atua. Como sujeito eclesial e de voz audível, ela canaliza uma proposta nova que inclui um misto de sensibilidade e racionalidade, gerando um novo modo de eficácia, experiência e reflexão.

Todavia, ainda há barreiras na atuação pastoral: há uma "cultura" machista presente na sociedade; ainda há os que diferenciam a inteligência masculina da feminina; o homem teme ser superado pela

mulher nos diversos segmentos da vida; existem também mulheres que ainda não tomaram consciência da sua condição de sujeito e continuam aceitando a posição de mero objeto. A falta de libertação do próprio homem também é uma barreira, pois a libertação plena da mulher implica a libertação do homem.

Nem sempre o discurso das igrejas é condizente com a prática que implementam. Imaginamos que, com o passar do tempo, essa discrepância acabará e a mu-

lher estará presente de forma mais incisiva nas instâncias decisórias da Igreja. Isso representa um trabalho pedagógico de extrema importância e que precisa ser dinamizado na vida da Igreja. Aos poucos as mulheres estão acordando para a realidade, tomando consciência de sua condição de sujeito, descobrindo sua maneira própria de servir a Deus.

Adriel de Souza Maia, bispo metodista, é presidente do Colégio Episcopal.

O CAMINHO ABERTO É CONVITE A AVANÇAR

Luzia Ribeiro Furtado

Ser mulher consagrada, agente de pastoral, irmã, hoje na Igreja é um desafio, quando o horizonte do engajamento social, econômico e político aberto à mulher é tão vasto, e o campo eclesial tão estreito. Após uma experiência de alguns anos de trabalho profissional como operária, decidi dizer sim a essa vocação e mergulhei no mundo eclesial de forma mais profunda quando há 15 anos vim para Duque de Caxias crescer com essa Igreja como mulher, irmã.

Nesse tempo percebi algumas constantes que me ajudam hoje a rever minha atuação como mulher nesta Igreja, as barreiras que enfrento e a coerência/incoerência ainda tão viva entre a teoria e a prática, entre o projeto e a realidade.

Somos maioria em quase todas as instâncias eclesiais: comunidades, pastorais, movimentos, coordenações, mas não temos uma reflexão elaborada sobre o nosso papel nestes espaços, o que nos leva a assumir muitas vezes a postura de "menores" sendo mais incorporadas pela prática e pelo discurso eclesial do que sendo sujeitas dentro desse processo.

Os clubes de mães, espaço próprio das mulheres, tiveram uma atuação relevante na valorização, conscientização, organização, participação e comunhão das mulheres. Ainda hoje exercem esse papel de fazer crescer a auto-estima feminina, mas são frágeis e atingem menos de 5% das mulheres atuantes nas comunidades.

Muitas vezes, em situações de conflitos,

de crise e de ausência de horizontes, sinto que pulsa em nós aquela força de vida que fez das discípulas mais próximas de Jesus as primeiras testemunhas da ressurreição, e essa é nossa contribuição mais forte: testemunhar, anunciar a vida!

Infelizmente a cultura patriarcal que herdamos faz da Igreja uma instituição muitas vezes fria e racional demais para acolher a ternura, a ousadia e o perfume feminino. Isso aparece muitas vezes em reuniões tensas, na centralização do poder, no apego à lei fria como critério de autenticidade da comunidade.

Essas constantes muitas vezes quase levam a desanimar pois parecem se sobrepor ao avanço, ao belo, à utopia. Porém, esta ainda permanece como ideal a

ser alcançado, apesar de nossas contradições e fragilidades. Mesmo assim, o caminho aberto é convite a avançar e é isso que vou tentando fazer...

Com muitas companheiras, sinto-me chamada a testemunhar a vitória da vida sobre a morte, a pisar com firmeza no chão frio da milenar história machista que nos calou, sufocou e nos deixou sem vez e sem voz.

Luzia Ribeiro Furtado, irmã filha de Maria Imaculada, agente de pastoral de comunidades na Diocese de Duque de Caxias de São João de Meriti, Baixada Fluminense.

PRESENTES NA AÇÃO, AUSENTES DAS DECISÕES

Cecilia Castillo Nanjari

As reflexões que se seguem têm como marco geral as igrejas pentecostais chilenas. As mulheres têm tido sempre um papel importante no interior das igrejas pentecostais, assumindo tarefas dentro e fora da comunidade. Suas contribuições na vida cotidiana da igreja estão no âmbito catequético, na liderança, na vida cultiva, etc. No que se refere às tarefas com a comunidade, as mulheres são o rosto visível da igreja. Visitam, acolhem, oram, pregam ao ar livre. São pregadoras, pastoras, evangelistas, missionárias, etc. Juntamente com essas tarefas, elas, que são a maioria nas igrejas, sustentam as suas comunidades. É o que poderia-

mos chamar "os pilares que sustentam a igreja". Destacamos também que já há algumas décadas várias igrejas pentecostais são parte de projetos de formação teológica, o que tem levado a uma incorporação das mulheres em uma formação mais sistemática. Isso parece ser um avanço importante e significativo que tem ocorrido nas nossas igrejas pentecostais.

Apesar dessa participação ativa das mulheres na igreja em nível local, constata-se uma debilidade no que se refere à participação das mulheres nas instâncias decisórias das igrejas, o que se reflete no âmbito pastoral e de representação junto

à comunidade civil ou ecumênica. As dificuldades, entre outras, referem-se à carência na formação de lideranças para assumir os novos desafios, a falta de espaços e de reconhecimento das suas contribuições, além da predominância de uma leitura bíblica androcêntrica que procura manter o *status quo* que tradicionalmente tem sido aceito como natural.

Em termos gerais, o discurso das igrejas está condizente com as práticas. Uma igreja com uma matriz androcêntrica buscará manter uma estrutura e proposta que de fato limita e bloqueia a participação e o reconhecimento da importância das mulheres na vida, obra e missão da

igreja. Uma igreja de "portas abertas", como é a "Misión Iglesia Pentecostal", buscará e implementará programas e práticas que respaldem o que assumiu como a sua identidade de ser uma igreja pentecostal que prega um evangelho encarnado, aberto ao mundo, e como parte da comunidade ecumênica internacional. Esta mesma disposição e compromisso está ocorrendo em várias denominações pentecostais que têm-se aberto e disposto a uma nova forma de ser igreja no atual contexto latino-americano.

Cecilia Castillo Nanjari é pastora da Misión Iglesia Pentecostal (Chile).

A DIFICULDADE DE UMA IGREJA COM ROSTO FEMININO

Maria do Carmo M. Lima

Nossa sociedade patriarcal, ao longo dos tempos, negou às mulheres seus "poderes". E ser "profeta e sacerdote" em nossa estrutura religiosa cristã foi considerada função exclusiva do universo masculino. Hoje em algumas de nossas igrejas já se anuncia que "o silêncio acabou". Essas estruturas avançaram e reconheceram o óbvio: a legitimidade do ministério pastoral feminino. E às mulheres foi permitido exercer o sacerdócio.

Mas, ao desempenharmos tal função ou "poder", uma pergunta ecoa: Qual é de fato o espaço destinado à nossa fala, à quebra do silêncio? No dia-a-dia do exercício do ministério pastoral feminino teremos a resposta. A explicitação do sexismo se apresenta na dificuldade que alguns homens têm de ser "pastoreados" por uma mulher, de estar subordinados às

orientações dela, de aceitar o modo de exercer o poder que lhe foi conferido. É também o experienciar a dificuldade de algumas mulheres em receberem uma "outra-igual" para estar na liderança da comunidade local, afinal, "este é lugar de homem", "à mulher cabe a submissão". É estar sob pressão e se sentir "tentado" a adotar um modelo masculino de exercício do poder.

Por trás dessa indisposição para com o ministério feminino, ainda está presente uma leitura bíblica conservadora, que diz: "o lugar de mulher é...". Isso se percebe facilmente na não-utilização de uma linguagem inclusiva em nossas reuniões, apesar do número de mulheres ser sempre superior ao dos homens nas atividades da comunidade local.

Não podemos esquecer também que o

poder feminino ainda não chegou às instâncias superiores de nossa estrutura religiosa cristã. Ainda não se tem o poder de decidir, e como não há paridade, certamente será com dificuldade que teremos uma igreja com "rosto feminino".

Bem, se ter um rosto feminino é difícil, e ter um rosto feminino negro? Isso será possível? Não é fácil falar/viver a negritude em nossas igrejas. Nós já perdemos o número de vezes em que fomos acusadas de estar querendo fazer racismo ao contrário. Ao levantar estas questões, é difícil assumir que entre nós há racismo, afinal somos todos(as) irmãos e irmãs, somos iguais. Entretanto, não raro, vivemos situações em que se evidencia o contrário, e há pouca facilidade de se conviver com este(a) outro(a) que, de fato, não é assim tão igual.

Há caso de companheiros negros que em sua comunidade local foram vítimas de racismo explícito, outros de forma sutil, dissimulado, que aos poucos atentos passa despercebido. O racismo está introjetado e também se manifesta na desvalorização da cultura negra, da mulher negra. Assim como o racismo é real, ele tem sido alimentado pela negação deste povo, homens e mulheres descendentes de escravos, até mesmo por meio de leitura bíblica teológica. Mas apesar das dificuldades, acreditamos que podemos contribuir efetivamente em nossas comunidades, que somos mulheres, que somos mulheres negras, que somos povo de Deus.

Maria do Carmo M. Lima, teóloga metodista, integra Agar — Sociedade Teológica de Mulheres Negras.

O discurso sobre e a prática de mulheres na Igreja Católica Romana

Tereza Cavalcanti

Tal como as igrejas de outras denominações, a Igreja Católica Romana se fundamenta e se constrói sobre o Evangelho de Jesus Cristo. Este é o *primeiro discurso* que se constitui em referencial de nossa fé.

Os textos da Igreja, tais como constituições dogmáticas, documentos de concílios e de conferências episcopais, códigos de Direito Canônico, encíclicas e cartas pastorais, etc., todos eles seriam um *discurso segundo*. Nenhum deles representa norma definitiva e eternamente irrevogável, graças a Deus.

Essa consciência nos deixa numa posição mais ou menos confortável para analisar e discutir (sem por isso nos recusarmos a obedecer) o discurso do magistério eclesiástico sobre alguns pontos, particularmente aqueles que se referem às mulheres.

Um discurso sobre e para mulheres

É interessante observar que, ao publicar a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, o papa João Paulo II quis "dar a este texto o estilo e o caráter de uma meditação" (MD 2). O papa não quis dar a essa carta um tom de encíclica, uma força de lei, e isso nos parece bom. Trata-se evidentemente de um discurso *sobre e para* mulheres (e homens), mas não um discurso *de nem a partir de* mulheres. E assim são todos os discursos oficiais da hierarquia católica. Trata-se de uma palavra de varões, em que a mulher só figura enquanto objeto, nunca enquanto sujeito. E isso, sem sombra de dúvida, empobrece e lança um certo viés sobre essa palavra.

Então resta às mulheres o *discurso não-oficial*: o discurso da confissão de fé, da espiritualidade, da pastoral, da teologia e de outras ciências afins. O fato de não ser oficial nos abre uma liberdade maior, pois podemos admitir falhas e imperfeições sem a preocupação de estarmos falando *ex cathedra*. Podemos admitir que nosso discurso é um processo que evolui, avança e recua, critica e se deixa criticar. E, para nossa surpresa, verificamos que o discurso de mulheres já começa (finalmente!) a ser assimilado pela hierarquia, como acontece, por exemplo, no último documento da Pontifícia Comissão Bíblica, no qual a abordagem feminista da Bíblia é reconhecida e valorizada.

Na Igreja Católica, o poder oficial se encontra também totalmente em mãos masculinas. Mas se o serviço é uma forma de poder, há um poder que vem sendo exercido há quase dois milênios por mulheres, a partir da base. Nossa esperança é que dentro de algum tempo não precisemos mais opor *poder a serviço*, nem *homem a mulher*. Desejamos que num futuro próximo possamos todos e todas nos libertar dessas dicotomias. E já há sinais claros disso até mesmo por parte de membros da hierarquia que se mostram mais despojados e livres de preconceitos.

Superando o medo do outro

Mas há algo que incomoda muito: é quando se silencia sobre fatos reais na vida da Igreja, porque se tem medo de contrariar o discurso oficial. Ou de admitir uma realidade de flagrante contradição. Exemplo disso é o silêncio sobre a situação de padres que vivem maritalmente com mulheres, têm filhos e não podem assumir essa condição publicamente. Toda a comunidade sabe, o bispo local muitas vezes também sabe, mas todos se calam e se comportam como se não soubessem. Passa-se assim do mal-estar à hipocrisia. Creio que isso faz muito mal à Igreja.

Nossa esperança é que dentro de algum tempo não precisemos mais opor poder a serviço, nem homem a mulher

Talvez a Igreja Católica possa ganhar muito quando o discurso e o poder oficial passarem a ser exercidos em parceria e colaboração entre mulheres e homens. Quando sua palavra puder ser dita por ambos os sexos, sem preconceitos ou receios mútuos, mas com transparência e reciprocidade. Penso que o principal passo para isso seria vencer o medo do outro.

Recordo-me de dois fatos que revelam o cotidiano da Igreja e que ilustram o medo do qual precisamos nos libertar. O primeiro passou-se durante a Campanha

da Fraternidade que enfocou a mulher (1990). Em uma reunião de casais a serviço da diocese, surgiu o tema da possibilidade de ordenação de mulheres. Um senhor perguntou: "Se as mulheres forem ordenadas, nós, homens, vamos ter que nos confessar com elas?". Uma mulher respondeu: "O senhor não precisa se preocupar porque mesmo com mulheres no ministério sacerdotal, nem por isso os padres desaparecerão. O senhor vai poder escolher entre homens e mulheres para se confessar. Agora, nós, mulheres, não temos o direito a essa escolha!".

Quando o discurso da Igreja conseguir se basear sobre a prática comunitária e sobre o amor dos mais humildes — mulheres e homens —, então esse será um discurso *a partir de*, e não só *sobre e para* a outra, o outro



Diante da postura da hierarquia católica, as mulheres buscam o discurso não-oficial: discurso da fé, da espiritualidade, da pastoral e da teologia.

Nesse episódio ficam claros o medo e o preconceito em relação à mulher (será que ela vai guardar o segredo de confissão?).

O outro fato ocorreu numa paróquia tradicional. Uma agente de pastoral preparou para o batismo duas adolescentes gêmeas. A mãe adotiva das meninas quis ser a madrinha, pois foi ela quem as educou na fé. Mas foi avisada de que não poderia, por ser "amigada" com o pai das garotas. A mulher insistiu e, no dia do batizado, ocupou o lugar da madrinha. A agente de pastoral, aflita, escondeu-se por trás da pilastra, evitando ser testemunha de um gesto com o qual ela concordava mas que era proibido...

Aqui aparece uma mulher tendo que equilibrar-se entre a prática e o discurso, entre a vida e a "lei". Não houve palavra,

houve silêncio. Um silêncio de cumplicidade na fé e na acolhida. Semelhante ao silêncio de cumplicidade entre Jesus e a pecadora pública que o acolheu como anfitriã na casa do fariseu (Lucas 7.35-50). E Jesus mandou que o doutor da lei aprendesse com a pecadora!

Quando o discurso da Igreja conseguir se basear sobre a prática comunitária e sobre o amor dos mais humildes — mulheres e homens —, então esse será um discurso *a partir de*, e não só *sobre e para* a outra, o outro. Será um discurso que vem de dentro, não de cima. Será uma palavra transparente, que brotará do coração e se irradiará em línguas de fogo.

Tereza Cavalcanti, biblista católica, professora na PUC-RJ, assessora as CEBS.

Pensar o futuro, reforçar a esperança!

Claudio de Oliveira Ribeiro

Quando eu era criança, nos bancos da Igreja Metodista de Volta Redonda-RJ, ficava impressionado quando pregadores falavam com convicção sobre o futuro. Demarcavam nitidamente, por um lado, a realidade temporal — o aqui-e-agora, as fragilidades humanas vividas no tempo presente como a dor, o sofrimento, as angústias —, e, por outro, a realidade por vir — escatológica, liberta das injunções da realidade humana e mundana, um tempo futuro de prazer, gozo e felicidade completa.

O que vai ocorrer no futuro mobiliza a atenção das pessoas. Trata-se de indagação filosófica fundamental. Quem sabe o que ocorrerá no futuro — próximo ou distante — acumula poder de salvação e de dominação. Pode persuadir, agir em favor, interpretar o passado e o presente.

Qual é o rio que passou em sua vida?

O CÉU

No Brasil, as igrejas evangélicas, em função da mentalidade dos movimentos missionários e avivalistas que prevaleceu no século passado, em especial nos Estados Unidos, receberam a pregação com ênfases pietistas, fundamentalistas e dualistas. As dicotomias individual/social, igreja/mundo, terra/céu, espiritual/material dificultaram ou até inviabilizaram uma intervenção positiva dos cristãos evangélicos na sociedade brasileira que significasse esforços com vistas à transformação social no presente. Este seria um primeiro e caudaloso rio que deságua na realidade das igrejas hoje. A mentalidade evangélica foi por ele formada.

Com o tempo, comecei a desconfiar da visão de futuro que o pietismo, o dualismo e o fundamentalismo haviam construído. Achava que se tratava de uma perspectiva medieval, pré-moderna. Nessa época — final dos anos de 1970 — eu era adolescente, estava na faculdade, atuante nas atividades da igreja, mas começava a achar que Jesus não voltaria em breve, como ouvira anteriormente. Muitos fatos e movimentos ocorriam na sociedade brasileira e no mundo todo, e se o futuro incidisse iminentemente no presente, os valiosos esforços humanos de promoção e mudança social pareceriam parecer em vão. Comecei a me empolgar com outras coisas.

A LIBERTAÇÃO

Há um segundo rio, não tão caudaloso assim, que forma a mentalidade das comunidades e de lideranças de igrejas pro-

testantes no Brasil. Trata-se do engajamento social e político dos cristãos. Esta perspectiva remonta às bases bíblicas do Êxodo, do profetismo em Israel e das experiências de diaconia e de martírio nas primeiras comunidades cristãs.

No atual contexto protestante brasileiro, a preocupação e responsabilidade social dos cristãos é um fato. Aceita ou rejeitada, a Teologia da Libertação, por exemplo, forma, em parte, a mentalidade das comunidades locais, das instituições e das lideranças leigas e clérigas.

Todavia, não obstante isso, mais do que a presença dessa teologia foi a influência do liberalismo teológico. Essa corrente, forte nos Estados Unidos e na Europa, especialmente no século passado, está presente no Brasil, embora um tanto quanto desfigurada em relação às suas bases teóricas. De alguma forma o "Evangelho Social" indicava, no Brasil, suas pautas pastorais.

O liberalismo teológico foi encantador porque pregava o futuro que avizinhava-se do presente. Acreditou-se, de fato, em "o Reino de Deus está próximo". Era possível construí-lo, ver sinais cada vez mais nítidos e crescentes da implantação do Reino. O ser humano é bom, é realizador; o mundo caminha para a paz tão sonhada; a educação, uma vez propiciada a todos, possibilitará evolução social, conscientização ética e justiça social. Orquestrando todo esse projeto utópico, estava a razão iluminista.

A perspectiva teológica liberal, em síntese e como tendência, trouxe as expectativas escatológicas para dentro da história, acreditou na "mão invisível" da educação e reduziu a espiritualidade à ética do seguimento de Jesus.

Alguns teólogos, líderes eclesiais e integrantes de movimentos pastorais beberam porções consideráveis da água desse rio. Todavia, foi o casamento da Teologia Liberal com a Teologia da Libertação que possibilitou, no campo protestante, o estabelecimento de um grupo e de práticas "progressistas" com ênfase na "construção" do Reino. Tal perspectiva possui, direta ou indiretamente, a referência utópica do socialismo, que por sua vez é também intra-histórica.

A PROSPERIDADE

No campo evangélico, certamente, ainda correm as águas dos dois primeiros rios. Todavia, sobretudo a proposta de saúde e de riqueza pessoais, a explicação religiosa das vicissitudes da vida e a melhoria (suposta) da qualidade de vida pessoal têm marcado mais substancialmente o cotidiano das igrejas. Trata-se de um neo-

denominacionalismo. Parece óbvio afirmar que o crescimento dessa proposta se dá no Brasil, em meio a um contexto de crescente exclusão e desigualdade social e de decréscimo da qualidade de vida.

As novas formas religiosas são substitutas das tradicionais. Em certo sentido, elas, por possuírem propostas globalizadoras e de resultados práticos e imediatos, respondem mais adequadamente ao mito moderno do progresso ilimitado (prosperidade). Eleggem com nitidez inimigos e adversários, reais ou imaginários (como a Nova Era, por exemplo) e com isso mobilizam a atenção de muitos com a sedução de que é possível tornar o futuro presente.

São muitos os traços e nuances dessa perspectiva, o que dificulta as sínteses. No entanto, sob o nome de Teologia da Prosperidade podem-se agrupar visões como a "Confissão Positiva" (não-aceitação da fragilidade humana), o "Rhema" (poder direto de Deus concedido pessoalmente aos crentes), a "Batalha Espiritual" (deslocamento religioso para explicações dos projetos históricos) e a "Vida na Bênção" ou "na Graça" (transferência da escatologia para a vida terrena).

O fato é que essa perspectiva religiosa encontra-se em sintonia com o estágio de desenvolvimento do sistema capitalista. Se considerar o fato de que o socialismo real ruuiu, entre outros fatores, pela incapacidade de prover o bem-estar social que estava no bojo de suas promessas utópicas, e que o capitalismo, em sua face neoliberal, reforça as idéias de que é possível a satisfação pessoal a partir do consumo, as propostas religiosas de prosperidade reúnem as melhores condições para alargar as margens do seu rio.

Reino de Deus e História

Para os grupos que cultivaram expectativas em relação aos dois primeiros modelos de compreensão descritos, os tempos são de crise e de perplexidades. Neste sentido, alguns enfoques teológicos precisam ser aprofundados.

Um aspecto que tem-se revelado crucial no desenvolvimento da história do pensamento teológico é a relação entre Reino de Deus e História. Todas as teologias que fizeram tentativas de compatibilização do Reino com uma visão linear da História perderam substância e relevância. A produção latino-americana está fortemente envolta neste aspecto. Quando, ao contrário, os grupos religiosos estabelecem suas metas para além da história, podem trazer para o interior dela um conteúdo de maior radicalidade. O Reino

de Deus é incompatível com uma visão linear da História, seja ela de motivação científica, capitalista ou socialista.

A tarefa de anúncio do Reino de Deus que reconheça a transcendência dele, que fortaleça a fé escatológica de que o próprio Deus realizará em plenitude os sonhos humanos e que dimensione a ação humana ativa e solidária no mundo, é fundamental para a crítica de pretensões idolátricas que se achegam às propostas religiosas.

A idolatria é tema bíblico central. A prática conversionista do Protestantismo no Brasil lamentavelmente reduziu a crítica ao idolátrico às imagens dos santos católicos ou expressões das religiões afro-brasileiras. A teologia protestante contemporânea, em especial a de Paul Tillich, já reavivara a temática. Tillich aplicou seus conceitos teológicos como crítica ao otimismo antropológico liberal e científico, ao poder totalizador e doador de sentido do Nazismo e, até mesmo, ao projeto utópico intra-histórico do socialismo, o que boa parte dos teólogos latino-americanos somente veio a descobrir após a "queda do muro de Berlim".

As reflexões teológicas latino-americanas também acentuaram a necessidade da crítica teológica às formas religiosas ou seculares de idolatria. O Deus transcendente da Idade Média, que realizaria no céu a transformação radical das situações de sofrimento, é substituído por um ente supra-humano que realizará no futuro histórico os desejos humanos. Esse ente, para os analistas, é o Mercado. As implicações pastorais dessa crítica são diversas, principalmente pela constatação da existência e do crescimento das "religiões de mercado", em especial no campo pentecostal.

E permanece a esperança...

As razões de esperança advêm da fé que é oferecida por Deus aos corações humanos. O tempo presente é para descobrir novos rumos, novas atitudes que possam sinalizar o Reino tão esperado e desejado. Neste sentido, o cultivo de uma espiritualidade profundamente bíblica, de abertura e de despojamento à vontade de Deus apresenta-se como caminho. Esperar por Deus, ativa mas pacientemente.

Cláudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista na Baixada Fluminense (RJ) e integrante de KOINONIA.

Texto elaborado a partir de assessoria ao Encontro de Pastores Metodistas do Nordeste.

Pra não dizer que não falei de homens...

Nancy Cardoso Pereira

Morrer de tanto ser homem... Poder fazer morrer por ser homem. Que homens aqueles! Com que orgulho morrem e mandam morrer. Viris... os dois. A diferença é que um tem poder, o outro nem tanto. Que homens aqueles! Assim que não haveria um outro jeito de ser porque então já não seriam homens. Davi e Urias (2 Samuel 11).

Entre eles imaginamos que está Bate-Seba e que seria o pivô, a causa das mortes, dos desmandos, dos sofrimentos. Ela seria qualquer coisa entre vítima e culpada, seduzida e sedutora, que justificaria a avalanche de acontecimentos violentos.

Mas o que dizer dos homens do texto, do jeito como se deixam matar e mandam morrer? Quero olhar os textos perguntando pelos homens, o jeito como a memória registra seus comportamentos e atitudes, o exercício de masculinidade que se expressa de diversas formas tendo como resultado relações de violência para mulheres e homens. Proponho pensar a realidade a partir de relações plurais: homem-homem, mulher-homem, adulto-criança, rei-súdito, o que deseja-objeto do desejo. Não seria então pensar os homens a partir de considerações abstratas e gerais, mas analisar as relações que estruturam a realidade do texto de 2 Samuel 11 privilegiando os poderes entre os homens.

De homem pra homem

A história é conhecida: Davi rei deseja Bate-Seba, que é mulher de Urias, oficial do exército real e que se encontra em batalha contra os amonitas. Davi manda trazer a mulher e fazem sexo. Ela se purifica e volta para sua casa. Bate-Seba engravida e manda avisar ao rei. Davi manda chamar Urias: conversam sobre as batalhas. O rei sugere que Urias vá para casa lavar os pés — seria uma referência ao ato sexual? Urias se nega: quer ficar solidário aos demais soldados que não têm permissão para ir para casa e com isso mostrar fidelidade ao rei. Davi convida Urias para comer e beber e o embebeda... mesmo assim Urias se recusa a ir para casa frustrando as tentativas do rei de fazer a gravidez de Bate-Seba parecer resultado da visita do marido. Na manhã seguinte Davi despede Urias para a frente da batalha com uma carta endereçada ao comandante das tropas. Nessa carta o rei ordena que Urias seja colocado em situação de risco para que morra na batalha, o que acontece rapidamente.

Quem é quem?

DAVI — 2 Samuel 9 ressalta a bondade de Davi para com o filho de Jônatas, encerrando por enquanto os relatos da disputa

pelo trono; 2 Samuel 10 narra algumas batalhas contra amonitas e siros onde Davi aparece como líder. A situação no capítulo 11 é outra: o rei já não vai para a frente de luta... envia seus homens, seus oficiais e dá ordens. É como se a narrativa abrisse outro momento da vida de Davi: outros lutam suas lutas, seus homens fazem com que seus planos de conquista e expansão do reino se concretizem. Aqui, Davi é homem de poder, acima de todos os outros homens e pessoas. Deseja uma mulher... manda buscar e a tem. Pronto. Imediato. Eficiente. O homem de todo poder. Vê. Deseja. Manda vir. Manda deitar. Manda se abrir. Deita. Entra. Usa. Goza. Manda sair. Seduz. Engana. Decide a morte do outro. Manda morrer. Manda matar.

A monarquia é a expressão e afirmação do poder do homem sobre os outros homens e sobre todas as mulheres. Não deve ser considerado como detalhe a referência à mulher que mata Abimeleque com uma pedra no cerco a Tebes (Júfzes 9.53): a resistência ao projeto monárquico deve ser entendida como movimento prioritário de mulheres uma vez que a monarquia estabelece e formaliza um poder absoluto contra elas, o que não ocorria no tribalismo, apesar de suas estruturas patriarcais. A reflexão sobre a passagem do tribalismo para a monarquia deveria considerar de modo mais cuidadoso essas possibilidades e a compreensão do lugar social do profetismo como resistência antimonárquica de forte liderança de mulheres.

URIAS — é heteu, povo que se estabeleceu como grande império ao norte da Síria e chegou eventualmente a ocupar regiões mais ao sul quando o contato com israelitas e judeus seria mais frequente. Seu nome ("minha luz é Javé") leva a crer que se fez prosélito de Javé ao menos de modo formal ao assumir responsabilidades de liderança no exército real; seria possível identificar nas atitudes de Urias um desejo de se manter fiel às prescrições de resguardo sexual por parte dos soldados em período de batalha (2 Samuel 21.5; Deuteronômio 23.10). Pela vizinhança com a casa real e a relação próxima com o rei parece ser um dos estrangeiros, com altos postos na corte e no exército de Davi, tidos como gente da segurança pessoal do rei (2 Samuel 23.39). 1 Crônicas 11.41 mantém a memória de Urias como herói do exército de Davi. Mercenário ou prosélito? Qual o melhor jeito de ver Urias? Chama a atenção sua fidelidade ao exército, aos soldados e a suas regras; seria possível vê-lo como um homem solidário com os outros homens

e com o rei, defensor das regras do mundo da guerra... Urias morre disto: de tanto ser homem solidário com os homens e suas estruturas. Ele reforça o poder e o desmando de Davi; legitima-o; concede que se coloque sobre todos os outros homens de modo autoritário e violento. Urias mesmo carrega sua sentença de morte. Morre de tanto ser homem.

A mesma fidelidade, sensibilidade e solidariedade não se percebe na relação com a mulher, com sua casa, com a vida doméstica. Urias é o elogio do público, do político como instância única de importância e de expressão da identidade masculina. "Vai pra casa, Urias!" Urias não vai... para casa, não! Tem uma guerra lá fora, um rei pra ser defendido, um reino pra ser expandido, trocas de poderes, tráfico de influências, reforços da virilidade, regras do mundo do soldado que não podem ser esquecidas. Urias morre dele mesmo... por não ser capaz de desconfiar de si mesmo, do tipo de homem que era e do governo que entendia como extensão da sua virilidade, expressão do poder do macho, do homem de guerra.

Estas relações tão complicadas...

Bate-Seba é bonita, desejada. Entra muda e sai calada no texto. Nem se sabe se teve prazer na relação com o rei. O texto trabalha com a concepção de impureza da sexualidade de modo específico para a mulher que antes de ir para casa se purifica de sua imundície. A única coisa que ela diz é: "Estou grávida!" A mulher está presa no simulacro do desejo e do poder dos homens: tem pai, tem marido, mas nada a protege da vontade do rei. Não diz nada, não quer nada, não decide nada.

Outra relação que deveria ser considerada é com a criança. Homem e mulher assumem no texto atitudes distintas diante da gravidez: Bate-Seba se descobre grávida e manda dizer a Davi como se cobrasse sua posição. A resposta de Davi é a de tentar envolver Urias no acontecido de modo que pudesse sugerir sua responsabilidade na gravidez. O problema é que Urias era homem demais e não aceitou nenhuma das alternativas de ir para casa apresentadas pelo rei, preferindo ficar junto à tropa. Tanto Davi como Urias desconsideram o espaço doméstico, o espaço da mulher e da casa. Bate-Seba fica sozinha com sua gravidez. A criança nem é fruto do desejo, nem do casamento. A criança não é nada. A conclusão da trama aponta para a necessidade da morte da criança como forma de expiação pelo pecado de Davi (2 Samuel 12.14).

A narrativa reforça vários estereótipos

da identidade masculina que aprisionam tanto homens quanto mulheres: o homem seduzido/tentado pelos olhos; o homem que tem poder não reprime seus desejos; o homem que valoriza mais seu trabalho que sua casa valoriza o espaço público e não o doméstico; o homem é mais fiel às regras dos amigos homens que às necessidades da(s) mulher(es). Tais estereótipos correspondem a outros no que se refere à mulher: ela é objeto a ser olhado/apreciado; ela não tem desejo, seduz; ela está mais submetida e vinculada às regras e mecanismos do espaço doméstico; a gravidez é um estado que somente ela experimenta sozinha.

O desafio é o de começar a trabalhar na desconstrução de estereótipos da identidade de mulheres e homens na busca de uma leitura da Bíblia que identifique as relações de gênero estruturantes do próprio texto e da sociedade. Essas "re-leituras" colocam narrativas como a de 2 Samuel 11 sob uma nova perspectiva.

Fica a exigência de trabalhar a monarquia como o governo de alguns homens sobre todos os outros homens e mulheres garantindo a visibilização de sua representação de gênero. O desafio se desdobra para a compreensão do profetismo e da profecia como expressão subversiva e de resistência vividas e formuladas por comunidades de mulheres e homens.

Textos como estes "re-lidos" à luz das relações sociais de gênero devem desencadear por parte dos biblistas-homens uma reflexão mais cuidadosa de sua identidade mesmo como homens. Tal exercício é fundamental para uma vivência do sagrado mais integrada e integradora, plural e libertadora para homens, mulheres e crianças. Não dá pra pensar o novo sozinho. Não dá pra ser só objeto do desejo do outro... sem desejar também. Não dá pra dizer "estou grávida" sem ouvir o eco: estou grávido! Não dá pra continuar convivendo com homens poderosos que se matam entre si e a todas nós. Não dá pra continuar convivendo com homens que se deixam matar, que carregam eles mesmos sua sentença de morte porque não têm coragem ou sensibilidade para desconfiar dos pequenos privilégios que gozam nas estruturas das igrejas, da academia, da política e outras mais. Não dá pra continuar deixando que os filhos e filhas continuem sacrificados e devorados, enquanto vão se fazendo homens e mulheres à nossa imagem e semelhança.

Nancy Cardoso Pereira é pastora metodista e professora no ITESP e no Instituto Pio XI (São Paulo).

Extraído de "Mosaicos da Bíblia" 16 (KOINONIA).

A cultura dos meios de comunicação no ritual evangélico

Rolando Perez

O crescimento e a aparição pública dos grupos religiosos está redefinindo o mapa sociocultural no mundo urbano. As igrejas — incluindo as históricas — estão experimentando a presença de uma forte corrente carismática, tanto na liturgia como na comunicação pública das mensagens. Este fenômeno está permeando também alguns grupos da Igreja Católica.

O processo de urbanização de muitos países da América Latina tem trazido consigo o crescimento dos grupos religiosos, o que está originando uma mudança marcante no rosto de nossas cidades. É notável que o mundo do sagrado está ocupando um lugar importante na vida cotidiana das pessoas. De igual modo, os meios de comunicação de massa estão se constituindo em espaços estratégicos por meio dos quais podemos reconhecer e interagir com uma grande variedade de expressões religiosas.

A experiência religiosa urbana está vivenciando uma série de mudanças culturais, convertendo-se em um verdadeiro espaço de intercâmbio e negociação intercultural. Por sua vez, aqueles que fazem parte desses agrupamentos com seus imaginários mitológicos, seus discursos, seus símbolos e suas práticas sociais, estão reinterpretando o mundo. Esses novos modos de construir o rito nos expõem um novo cenário religioso onde o sagrado se reveste de outros elementos, criando novas significações.

Por isso é difícil hoje reduzir nossa percepção do religioso à fácil categoria sociológica de "seita", pois a cultura religiosa atual nos fala da presença de grupos que cada vez mais interagem com o público. Eles estão crescendo e deixando de ser comunidades fechadas para encontrar-se com outros e converter-se em espaços simbólicos e de mediação social.

O campo do religioso é sem dúvida um lugar privilegiado para observar esses encontros e negociações culturais, nos quais os ritos tradicionais interagem constantemente com outras memórias culturais e circuitos comunicacionais novos.

O fenômeno da igreja eletrônica nos permitiu observar o modo como os grupos religiosos ou as igrejas têm trabalhado estratégias para usar os meios de comunicação de massa e interagir com o público por meio de suas mensagens e ofertas. No entanto, as novas indagações nos falam hoje de um fenômeno inverso: a incorporação da cultura dos *mass media*

ao rito religioso, à experiência comunitária do culto, onde observamos a apropriação de outros discursos que não necessariamente procedem do sagrado.

Uma liturgia espetacularizada

A configuração física dos templos nos permite perceber um tipo de apropriação não só da estrutura física, como também da cultura estética do mundo televisivo. Também muitas igrejas têm encontrado nas salas de cinema um local apropriado para convocar os fiéis para o culto. No interior, a decoração, a disposição dos equipamentos eletrônicos, o sonoplasta que controla em uma cabine de áudio, o uso de instrumentos musicais eletrônicos, são apropriações diretas da tecnologia dos meios, mas também dos próprios símbolos da indústria audiovisual.

Por outro lado, o modo com que o líder, o pastor, conduz o culto, seus movimentos cuidadosamente "ensaiados" nos falam de uma "entrada em cena" do rito que modifica a cerimônia tradicional do culto evangélico. Neste sentido, os cultos solenes, os pregadores cerimoniosos ou circunspectos dão lugar hoje ao pastor-animador, à palavra estridente, aos aplausos e cânticos entoados com muito ritmo. O hinário tem sido desprezado e o lugar é ocupado pelo retroprojeto que permite que o texto das canções apareça em uma tela gigante colocada em algum local visível no templo.

Desse modo, é interessante observar como o rito se manifesta não só em sua função normativa, mas também em seu caráter comunicativo, ou seja, persuasivo.

Se o rito cumpre uma função de coesão social das pessoas que participam dele, neste caso também permite reatualizar ou repetir, como diria Mircea Eliade, crenças e ações do universo simbólico da própria comunidade de fiéis. Estas estão em permanente interação com outros códigos incorporados da vida cotidiana, que muitas vezes se encontram mais além do sagrado. Esse fenômeno nos fala de uma reatualização do rito, que o coloca em outros cenários e em outras dimensões comunicacionais.

Mas este tipo de "entrada em cena" do rito religioso não deve ser observado somente como uma reprodução mecânica do mundo dos *mass media*, já que o fenômeno se constitui também num fator de coesão social e em "um espaço de reconhecimento", ou seja, um modo de ver-se

Os cultos solenes, os pregadores cerimoniosos ou circunspectos dão lugar hoje ao pastor-animador, à palavra estridente, aos aplausos e cânticos entoados com muito ritmo

e mostrar-se aos demais. Não se trata assim de uma reprodução mecânica e sim de uma apropriação negociada. Desta forma, o festivo deve ser entendido como um modo de viver a experiência espiritual, de dar encanto ao religioso; em suma, um modo de dar sentido ao intercâmbio espiritual com Deus e entre os próprios fiéis.

A apropriação religiosa da indústria cultural de massa

O discurso musical é também um elemento-chave para entender a mediação comunicacional do religioso. As canções que hoje são cantadas no culto são alimentadas pela indústria musical que as próprias igrejas patrocinam. Entre as igrejas evangélicas, a hinologia cristã tem sofrido mudanças muito interessantes. Os hinos solenes têm sido trocados por interpretações musicais, e composições muito mais rítmicas, de gêneros como o rock, a balada e outros têm sido incorporados. Esse fenômeno, que se conhece como a "renovação do louvor", tem provocado o aparecimento de compositores e cantores que têm criado o seu próprio circuito comercial. Um deles é Marcos Witt, um cantor e compositor mexicano, que há muitos anos vem produzindo canções que hoje são cantadas em quase todas as congregações evangélicas da América Latina. É interessante observar que existe uma espécie de atualização do louvor na liturgia a partir da incorporação de novidades, como a produção de Marcos Witt. Para muitas comunidades eclesiais, especialmente entre jovens, incorporar as produções de Witt é como estar sintonizado com o ranking musical evangélico. Isso tem gerado um circuito que está transcendendo os territórios nacionais.

Por outro lado, o uso do vídeo é também um elemento novo e muito interessante na experiência da coletividade religiosa evangélica. Em muitas igrejas têm-

se instalado centros de venda e aluguel de vídeos; as livrarias evangélicas também abriram uma seção especial para oferecer mensagens, shows musicais, cultos evangelísticos e testemunhos produzidos em vídeo. Também nos cultos dominicais à noite projetam-se filmes ou reportagens que são usados para introduzir o tema central do discurso pastoral ou para debater entre os participantes, reproduzindo assim uma espécie de *talk-show* religioso no templo.

O encontro do religioso com o mundo moderno

Na América Latina, os meios de comunicação de massa têm-se convertido em uma porta de entrada para o encontro com a cultura que muitos denominam modernidade. Agora, o mais interessante é observar o modo com que o campo religioso se tem constituído em um dos espaços nos quais a cultura tradicional começa a conviver de maneira cômoda com o mundo urbano moderno, onde a mediação dos meios de comunicação de massa joga um papel importante.

Um dos fatores de crescimento dos novos movimentos religiosos no Continente é, sem dúvida, o modo como o campo religioso recupera com muita facilidade elementos da cultura tradicional. Há, pois, neste espaço de socialização, o surgimento de uma cultura da reciprocidade e o intercâmbio de bens e serviços que convivem com o mundo das crenças e mitos, com as vivências próprias da espiritualidade, assim como as exigências e pautas morais e éticas.

Muitos migrantes que chegam à cidade e se incorporam aos grupos sociais urbanos encontram em movimentos como os dos grupos religiosos, elementos de encontro e de reconhecimento com os valores culturais próprios dos lugares de origem, geralmente de contexto provinciano ou rural.

A experiência religiosa se converte assim no espaço adequado para que o migrante se incorpore sem muitos golpes traumáticos ao mundo urbano, com suas ofertas culturais e seus valores simbólicos. Neste sentido, a experiência religiosa se converte em uma porta de entrada à socialização urbana.

Texto extraído da revista *Signos de Vida* n.2 (novembro de 1996), editada pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas.
Tradução: Magali do Nascimento Cunha.

De como Natal e Novo Ano podem vir a ser... Koinonia

Carlos Cunha

*Os vales serão aterrados,
e os morros serão aplanados;
os terrenos cheios de altos e baixos ficarão planos,
e as regiões montanhosas virarão planícies.
Então o Eterno mostrará a sua glória,
e toda humanidade a verá.
(Isaías 40.4,5a)*



Tinham dentro de si, nos corpos, algumas marcas que nem as de ferro em brasa postas no gado para proclamar o senhor. Eram marcas-ferretes e marcas-máculas: ferretes de socos, e pancadas, e cuteladas, e choques percebidos na tortura; máculas de lábios beijando e braços cingindo corpos—lábios e braços

manchados de sangue. Tinham-se unido a eles por desejarem liberdade, por sonharem com a justiça.

Ouvidos zumbiam repetindo gemidos e protestos escarrados dos paus-de-arara. Os olhos ainda mostravam fundos escuros de lágrimas choradas pelos irmãos massacrados.

Tinham estado juntos nos encontros clandestinos em que se tratavam por codinomes a fim de passar a perna e burlar os esbirros da ditadura e poderem declarar amor aos que eram perseguidos e estavam presos e asilados.

E inventaram estruturas de apoio assessor a quem trabalhar queria; de ajuda e estímulo a quem estudar queria; de animação e esperança a quem ainda crer queria.

Era preciso aterrar, aplanar, aprimorar.

Durou o processo esse vinte anos, ou quase, ou mais, que de amor é difícil contar o tempo.

Assistiram a incríveis sucessos; machucaram-se com insucessos também. Destes foi mais ver os que estavam juntos esquecerem a vocação plantada na raiz de tantos esforços. É que houve os que somente vieram quando o susto e o perigo tinham já passado.

Descobriram um dia, após muitos e sofridos outros dias, que se haviam misturado a outros sem aparente crença em nada, mas de uma crença quase subliminar, sem rótulos, sem dogmas, sem liturgias prontas que nem as liturgias das grandes religiões. Eram liturgias de pura paixão por liberdade: liberdade e ter o que comer; liberdade e o suor voluntário do querer fazer; liberdade e danças e festas; liberdade de repetir rezas umas, rezas outras; liberdade para dormir onde se queira e também com quem; liberdade de apenas ser livre.

Foi quando, no aparente pouco ter comum, tinham condensado e concentrado o tudo comum. O pouco que compartilharam, quando houve partilha, era igual a um muito bem mais muito que pouco. Esse aparente pouco, de fato muito, escondido no pouco, era percebido: em mulheres e homens de peles brancas; em homens e mulheres de peles escuras; em mulheres e homens de rezas cristãs; em homens e mulheres de outras rezas tão rezas ou até mais rezas;

em mulheres e homens que se abraçaram e trocaram mil beijos de olhos fechados para ver somente o invisível.

Repartiram entre si muitas coisas alegres, tristes outras. Mostraram uns aos outros: as marcas das pisadas — e prometeram jamais pisar alguém; as marcas vizinhas da morte — e prometeram tudo fazer para engendrar somente vida; as marcas dos tapas na cara — e prometeram somente beijar; as marcas de todas as torturas — e prometeram sarar os que sofriam; as marcas dos tempos sem nada de bom — e prometeram partilhar tudo com outros, com muitos, com todos: **KOINONIA**.

♦ ♦ ♦

Carregam agora dentro de si os sinetes de um apelo-paixão pela vida na casa-mundo-habitado — a ecumênica vocação do sonho. E trazem ainda — não se desfiguram — a vivência de todos os desafios brutais da morte real e das mortes disfarçadas de prisões e de torturas. Essas mortes quais malditas Fênix aí estão emersas das cinzas e, de temporais, se travestiram de eterno-divinas e de opressoras se fingiram libertadoras. Agora, toda aquela experiência que foi *koinonia*, mais uma vez se ergue ainda *koinonia* para sempre ser desafiadoramente *koinonia*.

Mergulha consciente no sonho sempre sonhado da unidade dos cristãos para ser presença e serviço imbricados na unidade inescapável.

Sente-se desafiada a colaborar, sem reservas, com todos, e muitos, e tantos movimentos outros, agentes em favor da vida e por mais vida.

Faz-se fraterna — em gesto heróico e barroco de penitência — com religiões não-cristãs de outras rezas, tão rezas ou, quem sabe, mais rezas de fé profunda sequer suspeitada.

KOINONIA quer celebrar seus poucos anos, coisa que já é tradição de há séculos e o faz deixando-se enlamear nas situações-limite dessa morte que vem cavalgando a vida do sêmen e do sangue — imuno-deficiência.

KOINONIA, na parcimônia de seus recursos, se enriquece da força-apesar-da-fraqueza para chicotear as maldições que se esparramam sobre os limites da situação de velhos preteridos pela hipertrofia da juventude não como juventude — que os demônios não gostam dela —, mas da grande massa potencial de consumo que ela representa.

KOINONIA rebela-se contra o esbulho descarado de valores culturais dos grupamentos humanos, esbulho esse perpetrado pela mídia-canalha experta em diluir resistências por meio da homogeneização da cultura.

Koinonia — vales aterrados a fim de serem mais férteis;

Koinonia — montes e outeiros aplanados a fim de que passem os simples;

Koinonia — caminhos tortuosos aprimorados onde os enamorados se encontrem.

KOINONIA — presença sempre natalina e ecumênica, e a serviço, neste e noutros novos anos, apesar de tudo.

